

SOB APENADA SEVERIDADE E A TINTA DA GALHOFA

Célia Sebastiana SILVA*

ASSIS, Machado. *Eça de Queirós: O primo Basílio*. in: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. V. III. p. 903-913.

Antônio Cândido encerra o artigo *Esquema de Machado de Assis*, aconselhando a cada um que esqueça o que ele disse, compendiando os críticos, e “abra diretamente os livros de Machado de Assis” (1970, p. 32). Por termos claro que na crítica literária brasileira, Cândido é o mestre maior, qual é Machado na literatura, entendemos por bem atender ao conselho do mestre. Fiquemos, então, com Machado, esse outro mestre. Assim, tomaremos como objeto do nosso trabalho um texto da crítica machadiana - qual seja *Eça de Queirós: “O primo Basílio”*.

A começar pelo título, vemos como Machado de Assis mostra-se, à primeira vista, desprezioso: intitula o artigo com o nome do autor e da obra a serem analisados, de forma direta e precisa - *Eça de Queirós: O primo Basílio*. Isso é o que também faz com os romances. *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*, por exemplo, são intitulados pelos nomes das personagens. Mas se adentrarmos tais obras, percebemos, no primeiro, que a elaboração maior não é a do personagem-título, mas a de Capitu e, no segundo, que há uma ambigüidade em relação ao nome Quincas

* Mestre em Estudos literários pela UFG e doutoranda em Literatura brasileira pela UNB. Professora de Teoria da Literatura da Unidade Universitária Cora Coralina - UEG e de Língua Portuguesa na Universidade Católica de Goiás.

Borba. O título seria uma alusão ao homem ou ao cachorro? Há quem afirme, com certeza, que se refere ao cachorro, mas não há nada que confirme claramente isso. O que aparenta despreensão revela-se, portanto, uma artimanha. Do que se conclui que, em se tratando de Machado, nada do que parece ser, é, necessariamente. E é talvez nesse ponto que reside a genialidade do escritor.

Ao lermos o artigo *Eça de Queirós: O primo Basílio*, notamos, numa criteriosa segunda vista, que, em verdade, a crítica à obra do escritor português é apenas uma ratificação do que Machado já havia dito num artigo anterior. Dessa forma, podemos dizer que o título-objeto do texto aparece em plano paralelo, ou até como suporte a outras intenções. O que o autor de *Dom Casmurro* coloca em evidência é, não uma crítica direta a *O primo Basílio* (isso ele já havia feito em um outro artigo), mas a retomada de pontos capitais dessa crítica (que, em 1ª edição, causa muito furor - e fúria - nos adeptos do Realismo e de Eça), com o propósito de defender o seu posicionamento relativamente à tal obra (com a sutileza retórica de fazer inveja a um Vieira), exposto no artigo anterior, e de atacar, no seu mais refinado estilo, os “contendores” que o criticaram por esse artigo:

Há quinze dias escrevi nestas colunas uma apreciação crítica do segundo romance do Sr. Eça de Queirós, *O primo Basílio*, e daí para cá apareceram dois artigos em resposta ao meu, e porventura algum mais em defesa do romance. Parece que a certa porção de leitores desagradou a severidade da crítica (p. 909).

O texto divide-se claramente em duas partes. Na primeira, Machado faz o que José Guilherme Merquior chama de “modelo de advocacia da verdade artística contra o determinismo naturalista” (1996, p. 219). Para tal, argumenta a incongruência da concepção de Eça e, na obra, a inabilidade de caráter da heroína Luísa. Segundo Machado, não fosse a criada Juliana encontrar as cartas dos amantes Luísa e primo Basílio, o romance teria acabado, já que, passado o afã de alguns encontros, o primo, enfadado, resolve ir para Paris e o

marido da heroína volta do Alentejo. Isso demonstra um tipo de intriga concebida de forma mecânica; com personagens sem vida própria e sem nenhuma força moral e o predomínio da fatalidade, (da fatalidade da carne, para fazermos jus a uma expressão de Zolà), do fenômeno animal, em vez do humano. O crítico encerra essa parte, dizendo que, se a proposta do Sr. Eça é escrever uma hipótese, pelo menos, deveria ser uma hipótese “lógica, humana, verdadeira”.

Mas vale ressaltar que ainda nessa parte: Machado, logo de início, elogia Eça - chama-o de “um dos bons e vivazes talentos da atual geração portuguesa”; questiona se a “palma do triunfo” das obras dele deve-se ao seu trabalho exclusivo ou se à sua filiação ao Realismo; afirma a “originalidade” do português, embora realce nele a forte influência de Zolà; diz que *O primo Basilio* é uma reincidência d’ *O crime do padre Amaro*, entoada com o paladar público (se pensarmos no sentido jurídico de “crime” e de “reincidência”, vemos aí uma boa “alfinetada” metafórica ao realista português) e coloca Eça como um adepto da “escrita de inventário”, em que não se deve esquecer nada, nem ocultar nada e acrescenta, ironicamente: “a nova poética só chegará à perfeição no dia em que nos disser o número exato dos fios de que se compõe um lenço de cambraia ou um esfregão de cozinha” (p. 904). Em relação a esse último ponto, é relevante observar que, ao final do artigo, Machado retoma-o e questiona por que os Srs. Zolà e Eça, mesmo pretendendo esgotar todos os aspectos da realidade, colocam à parte “os atos íntimos e ínfimos”, os “vícios ocultos” e as “secreções sociais”? Tal questionamento é um bom caminho para entendermos porque Machado está “além (muito além) do Realismo”¹.

A segunda parte inicia-se, no melhor estilo José Dias²: “E passemos agora ao mais grave, gravíssimo” (p.907). Nessa parte, Machado ainda

¹ Alusão ao título do artigo “Além do Realismo”, do prof. Sebastião Rios. Rev. TB. RJ, 1998.n 133/134.

² Referência ao personagem de Dom Casmurro que “amava os superlativos”.

reforça a crítica à obra de Eça e ao Realismo, destacando a gravidade do “realismo sem condescendência” da obra que engendra, na medula da composição, a sensação física e não o pensamento moral, social ou humano. Mas, o que ele substancialmente faz é um ataque irônico, sutil e cortante aos seus “contendores” ou, aos, de modo mais eufêmico, que “de boa fé” defendem *O primo Basílio*.

Há um certo ponto do texto em que Machado diz com Buffon (embora negando), que “o gênio é a paciência” e acrescenta que “a paciência é a metade da sagacidade: ao menos na crítica” (p. 911). Há, nessa tirada sagaz e pouco modesta (já que ele se mostra em longo exercício de paciência em todo o artigo), a vaga sugestão de que os defensores da obra de Eça não exercitam a paciência e, no afã de defender a preços módicos “uma doutrina caduca, embora no verdor dos anos”, lêem a obra como “férvidos religionários”. Daí, não haver o distanciamento e aprofundamento necessários entre o crítico e o seu objeto de análise e, ainda menos, para aceitar as objeções machadianas à obra de Eça. Conclusão óbvia, tirada dos interditos do texto: falta genialidade, sagacidade e paciência aos “defensores a todo transe”. É com a mesma “ponta aguda e penetrante” da ficção, a que se refere *Cândido* (idem, p.18), que Machado “alfineta”, digamos assim, os seus contendores no embate da crítica. Por diversas vezes, ele convida os defensores da obra de Eça a que a releiam e argumenta: “é o melhor método quando se procura a verdade de uma concepção” (p. 911). Outra conclusão óbvia, para quem conhece o estilo machadiano de escrever: ele não faz tudo isso sem lançar, nas penas da severidade e da sinceridade crítica (tão insistentemente ressaltada em todo o artigo), a tinta da galhofa que lhe é tão peculiar. E o faz duplamente: é severo, sincero e irônico com a obra de Eça e com os defensores desta.

Exemplar disso é a passagem em que Machado, ressaltando a dessemelhança entre a personagem Eugênia, de Balzac, e Luísa, de Eça, argumenta que esta não passa de um títere e que aquela apresenta

uma forte acentuação moral. Tal comparação soa no espírito dos contendores de Machado como “calúnia” ou “superfluidade” e eles contracriticam a posição do bruxo de Cosme Velho, dizendo que “se Luísa era um *títere*, não podia ter músculos e nervos, como não podia ter medo, porque os *títeres* não têm medo”. Machado, por sua vez, despeja um desprezo feroz à observação: “Supondo que este trocadilho de idéias veio somente para desenfadar o estilo, me abstenho de o considerar mais tempo”. Em outros termos, ele, em sutil ironia, aponta o enfado de estilo dos seus opositores e ainda recomenda que fazer crítica não é exercitar o estilo, ainda menos, é fazê-lo, por meio do jogo de palavras. Aparente incoerência: Machado exercita o seu refinado estilo todo o tempo nesse texto crítico. A diferença fundamental está em que ele faz boa crítica e, de forma espontânea, exercita o estilo que lhe é peculiar, enquanto os outros procuram desenfadar o estilo, “tentando” fazer crítica.

Ao longo dessa parte, Machado vai demonstrando que, com algum esforço e sagacidade de paciência, é possível, por meio da leitura e releitura da obra, perceber, por exemplo, que, embora Eça expresse verbalmente a “dignidade conjugal” de Luísa, tal dignidade não existe porque não condiz com o caráter da heroína. Em suma, podemos dizer que o crítico-ficcionista calca o seu timbre “nos subentendidos, nas alusões, nos eufemismos” (para usar outra expressão de Cândido), com o fim de mostrar a superficialidade de leitura de seus contendores e a postura apaixonada deles diante da defesa da obra realista.

O tom aparentemente sério, mas incastamente zombeteiro de Machado, faz-se perceber, também, pelo modo como ele se refere aos defensores da obra de Eça: “o fervor dos amigos”; “aos seus (de Eça) amigos deste lado do Atlântico”; “um dos meus contendores”; “defensores a todo transe”; “os de boa fé”. Em momento algum, nomeia-os, ou chama-os de críticos, porque, na verdade, deixa entrever que eles não são mesmo críticos e que, do pouco que fazem, falta-lhes

severidade, sinceridade e seriedade, virtudes necessárias a um bom crítico e, ao proclamar suas razões no artigo, Machado, pouco modesto, atribui tais virtudes a si mesmo todo o tempo. E assim encerra seu texto: “O fervor dos amigos pode estranhar este modo de sentir e a franqueza de o dizer. Mas então o que seria a crítica?”. Se voltarmos ao início do artigo de Machado, teremos a resposta para essa pergunta final (e constataremos, também na crítica, o movimento circular dos textos machadianos). Enfim, vale, sem dúvida, exclamar: Quanta perspicácia e sutileza para a crítica, para a defesa e para o ataque!

Há, ainda, um ponto do texto de Machado que merece atenção. Quase ao final do artigo, ele diz que o livro de Eça traz uma “viva pintura de fatos viciosos” que destroem qualquer possibilidade de ensinamento moral. E arremata a idéia: “A castidade inadvertida que ler o livro chegará à última página, sem fechá-lo, e tornará atrás para reler outras.” (p.913). No entanto, logo no parágrafo seguinte, ele se esquivava: “Mas não trato disso agora; não posso sequer tratar mais nada; foge-me o espaço.” (idem). A ironia é aí óbvia, ao se personificar a castidade inadvertida. Mas, ou por isso mesmo, cumpre-nos indagar a que tipo de castidade inadvertida refere-se Machado: à moral, que desperta os apetites mais vorazes e mais reprimidos para o deleite? à estética, que não percebe o limite intranscendível entre a verdade da arte e a verdade da natureza? ou à crítica, que, inadvertida (pelo menos até a publicação dos artigos de Machado), defende a obra com fervor de amigo e não com o bom senso e a razão? A resposta? Não vamos tratar disso agora;”foge-nos o espaço” nessa resenha (para não fugir ao estilo machadiano).

Mas, há ainda espaço para dizer que Machado, nesse artigo, refuta a obra de Eça, refuta o Realismo, refuta os seus contendores e, “com uma enganadora neutralidade de tom”, faz-nos ver que a ficção transcende a representação exata da realidade e manifesta, como o próprio escritor faz em sua narrativa, “os conflitos do homem consigo mesmo, com os outros homens, com as classes e os grupos”, para falar ainda uma vez com o mestre Cândido (idem, p. 32).

Por fim, pode-se dizer, pela leitura deste e de outros textos da crítica machadiana, que o crítico não se distancia muito do ficcionista. A pena é a mesma. A galhofa, se trocada em miúdos, também. No máximo, Machado substitui a melancolia pela sinceridade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado. Eça de Queirós: *O primo Basílio*. in: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. V. III. p. 903-913.

_____. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *Quincas Borba e Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Scipione, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. Esquema de Machado de Assis. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

MERQUIOR, José Guilherme. Machado de Assis e a prosa impressionista. in: *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira - I*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

RIOS JR, Sebastião. Além do Realismo. *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: n. 133/134. abr-set, 1998. p. 95-112.